

No conto "Fita verde" que GR publicou no "Estado" podemos observar, talvez mais nitidamente que no caso do Recado do Morro, como as duas camadas submersas da obra roseana, as que chamei de narrativa e filosófico-religiosa, como essas duas camadas se degladeiam. O mito de Chapeuzinho Vermelho, essa revelação sombriamente germanica e eslava do ciclo solar e do ciclo das vidas, deve ter provocado a curiosidade e a indignação do intelecto e da sensibilidade latina e tropical de Guimarães Rosa. Desconfio, inclusive, que o nome eslavo de Chapeuzinho Vermelho, "červená karkulka", deve ter provocado em GR a sua inclinação para o jogo pseudo-etimológico que tão belas flores e frutos tão saborosos produz de raízes tão dubiosas. Sei que conhece a misteriosa ligação que existe em eslavo entre "verde" "zelený" e "nefasto" "zlij", e "Fita verde" deve ter uma de suas origens nesse conhecimento roseano. GR se inclina, portanto, intelectualmente sobre o mito do ciclo, agarra o ciclo com ambas as mãos, quebra-o no ponto da morte, estica a barra da narração e cria assim, conscientemente, um mito novo, o mito do tempo linear o mito da morte definitiva e absurda, o mito de "Fita verde". A partir da camada filosófico-religiosa surge portanto a camada narrativa, e GR o narrador é apenas servo e instrumento de GR o pensador religioso. Mas o narrador GR se rebela contra essa degradação e se vinga criando uma Fita verde que adquire uma vitalidade própria e investe contra GR o intelectual, para derrubá-lo. Toda teoria roseana desmorrona ante a vitalidade do espanto primordial que GR o narrador experimenta na personagem de Fita verde. E esse espanto desautentica, a meu ver, a camada filosófico-religiosa, porque desvenda o vacuo atrás dessa camada especulativa, aquele vacuo, aquela carencia, aquela falta de fundamento "Bodenlosigkeit" que é chamado, míticamente, o diabo. A meu ver toda a especulação filosófico-religiosa que aparenta ser a base da obra roseana não passe de uma camada protetiva que o autor construiu para tapar o diabo, esse diabo que é sempre revelado por GR o narrador e, mais imediatamente, por GR o poeta. Toda obra de GR é, no fundo, uma luta desesperada entre uma teoria especulativa e religiosa otimista, constantemente desautenticada pela sensibilidade poética que revela o diabo, mesmo quando a teoria parece fazer concessões à experiência diabólica, como em "Fita verde". No fundo GR é um São Jorge que não consegue matar o dragão, porque o dragão tem mil línguas e GR está fascinado por cada umas dessas línguas. O diabo é que o diabo não existe. A revelação do diabo é a revelação do abismo e o diabo atrai, como o abismo atrai, pela sensação de vertigem gloriosa que provoca. No grande sertão abre-se o sertão maior, e a sua contemplação abre um rodameio vertiginoso no sertão de modo que todas as veredas conduzem rumo ao abismo. Aquele que contempla o não-ser, aquele que está no nada, possui o poder vertiginoso de arrastar todas as veredas para este centro sem fundo. GR é um daqueles, e a sua tragédia é não querer-ser possuidor e possuído dessa força vertiginosa. Daí serem todas as obras dele gritos de um coração em luta contra si mesmo, "cor inversum in se ipsum". Ele é infernal em sentido duplo do prefixo "in": ele nos conduz ao diabo e contra o diabo. Este é o mito de GR: a luta confusa, diabólica, (de confundir:diabolein) contra o diabo. É um mito, porque é o padrão de situações existenciais, e porque as obras de GR são exemplares neste sentido. É um mito porque se realiza em contos, e "mythos" em grego significa conto. Se a palavra "mito do século vinte" não tivesse sido abusada pelos nazistas, diria que GR é o criador, por que vítima, de um dos mitos do século vinte.

A articulação do nada, aquilo portanto que GR pesca do abismo que contempla, é a palavra, a língua, é logos. É este logos que GR procura utilizar na sua luta contra o nada. Isto explica o seu plotinismo, porque para Plotino logos era o ser supremo, o sertão roseano. Daí a glorificação da palavra, a glorificação da natureza, essa palavra sonante, e a glorificação da luta, essa palavra que procura parceiro. É portanto mítico o emprego das palavras por GR. Está ele dedicado, como o salmista, ao cantar uma canção nova. Mas será realmente em louvor do Senhor que ele canta? O mito ao qual está dedicado o nega. Logos não é o nome sagrado, o "Chem Hakadoch", mas é o nome do "eu" como disse o dr. Xisto. É neste sentido terrífico que GR é um filólogo, um de-

VILÉM FLUSSER

dicado à palavra, um "philos" de "logos". A criação poética roseana, que é a criação de logoi, é um chamar, um provocar, um evocar do diabo. E a filologia de GR é um exorcismo. Mas na situação atual talvez seja a provocação e a evocação do diabo o único método que nos resta, a nós que perdemos a fé, de alcançar a união com aquilo que nos lançou para cá para realizar-nos. E isto me parece ser a última sabedoria escondida, talvez inconscientemente, na obra roseana. Pela, língua pelas palavras, pelo logos, provocamos o abismo, mas é preciso provoca-lo, para poder transpô-lo num salto, num "Ursprung". E neste sentido, obscuro e misterioso, é a filologia de GR uma teologia. E esta é a beleza do mito que GR cria: poder ser a base de novas realizações, de "novos homens" no sentido evangelico, de dar fundo ao que carece fundamento. Para mim GR é um dos poucos, como Rilke e Kafka, como Proust e Joyce, que são "Dichter in duerftiger Zeit", poetas em tempo de carencia, em tempo diabólica, portanto aquilo que necessitamos.